

O QUE BELL HOOKS NOS ENSINA SOBRE A TRANSMISSÃO DO DESEJO DE SABER

Erilania Ferreira Mendes¹
Karynna M. B. da Nóbrega²

RESUMO

O que bell hooks nos ensina sobre a transmissão do desejo de saber? Essa pesquisa tem como ponto de partida esse questionamento em virtude do trabalho de leitura da obra: *Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade*, que foi publicada no Brasil em 2013, o qual trata-se de um compilado de ensaios escritos pela autora. Nessa obra, ela narra experiências cotidianas da prática docente, assim como elucida de maneira didática de que forma a educação pode ser pensada como um dispositivo de emancipação humana, ou seja, como ferramenta de transformação da realidade. A partir disso, objetiva-se articular os ensinamentos de Bell hooks com a formulação lacaniana do desejo de saber e sua transmissão. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica que contempla, principalmente, o livro citado anteriormente da autora e o conceito de desejo de saber enfatizado por Jacques Lacan, no Seminário 08, *A transferência*. Essa pesquisa é relevante em seu contexto clínico, social e político, uma vez que a contribuição do pensamento de bell hooks na articulação entre educação e psicanálise se dá na medida em que seu livro problematiza os fundamentos epistemológicos antecedentes aos estudos desse campo. Além dos textos citados como referências, esse trabalho também se utiliza do conceito de analisador de René Lourau, a fim de tornar claro para o leitor os efeitos subjetivos dos episódios em sala de aula dispostos por bell hooks em seu livro. Por fim, a transmissão do desejo de saber ocorre por meio de empréstimos singulares e libidinais que o professor concede ao aluno e o aluno ao professor, no entanto, tais relações são perpassadas por contextos sócio-políticos e é nesse ponto que a educação, enquanto instância de política pública, deve atuar como uma ferramenta subversiva frente às vias mortíferas da dominação.

Palavras-chave: Educação, transformação, desejo, bell hooks, psicanálise.

INTRODUÇÃO

bell hooks³ é, na verdade, um pseudônimo usado por Gloria Jean Watkins, descendente de uma de família de agricultores do Sul dos Estados Unidos, na cidade de Hopkinsville, Kentucky. Mulher negra da década de 1950, ela enfrentou ao longo de sua vida e obra os desafios da segregação racial, desigualdade social e domínio patriarcal. Desde jovem, Gloria Jean Watkins sonhava em se tornar escritora e, quando adulta, alcançou esse objetivo, além de se tornar uma renomada professora universitária. Assim, bell hooks é prestigiada por suas obras no campo da raça, do gênero, da pedagogia e do feminismo. Seus pensamentos estão

¹ Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, erilaniafm@gmail.com;

² Professor orientador: Doutora, Professora adjunta do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br.

³ Informações bibliográficas retiradas da página do editorial da boitempo disponível em <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/bell-hooks-1372> acessado em 07 de março de 2023.

voltados para a compreensão da pluralidade de feminismos e o uso da educação como ferramenta frente ao racismo e ao capitalismo.⁴

Este trabalho baseia-se na obra anteriormente mencionada de bell hooks, intitulada “Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática de Liberdade” publicada no Brasil em 2013. A intenção do seu uso não se trata de essencializá-la pela óptica e conceitos psicanalíticos, pelo contrário, a obra deve permanecer em seu próprio contexto, servindo como uma bússola para uma pedagogia emancipatória e para professores engajados em suas práticas educacionais. O livro é composto por uma coletânea de ensaios em que é possível identificar as experiências, tanto bem-sucedidas como malsucedidas, que aconteceram em sala de aula, além de fornecer contribuições teóricas para pensar o processo de uma educação para liberdade. Dessa forma, o propósito deste artigo é explorar o que bell hooks pode nos ensinar para pensar a articulação entre a psicanálise e a educação além de uma lógica psicologizante do fracasso escolar.

Ao recorrer ao livro de bell hooks como referência bibliográfica neste trabalho, é essencial destacar que sua pedagogia é caracterizada como radical, feminista, antiracista e anticolonial. Desse modo, embora a maior parte dos trechos retirados enfatizem a postura docente em sala de aula e a pedagogia engajada. Esse engajamento e instauração de uma comunidade pedagógica só se tornam possíveis ao considerarmos todo o acervo político de sua obra e experiência de vida. Isso inclui suas experiências e perspectivas sobre raça, gênero e classe, que atravessam sua trajetória. Portanto, é fundamental situar e contextualizar seu trabalho dentro desse panorama mais amplo.

A obra demonstra uma intelectual e docente implicada com a realidade e com uma prática que questiona as tentativas de normalização e instrumentalização da existência humana. Com seus ensaios, bell hooks busca realizar uma intervenção construtiva de modo a celebrar o prazer que ela encontra no ato de ensinar, o qual está intrinsecamente ligado a um ato de resistência (hooks, 2017, p. 21).

Além disso, esse livro é um componente norteador para as práticas pedagógicas, pois bell hooks escreveu a partir de sua experiência pessoal de sujeito em sala de aula. Isso foi percebido nos seus relatos que são atravessados diretamente por sua posição de aluna e,

⁴Entre suas obras mais importantes estão, *Ain't I a woman: Black Woman and feminism* (1981), *Outlaw Culture: resisting representations* (1994), *Belonging: a culture of place* (1990), *All about love* (1999) e *Teaching to transgress* (1994).

principalmente, por sua passagem na escola segregada. Ela afirma que as professoras negras da escola segregada foram cruciais para ela entender que a educação poderia funcionar como um ato contra hegemônico, para ela seria “uma forma de resistir a todas estratégias brancas de colonização racista” (hooks, 2017, p. 10).

bell hooks, em seus ensaios sobre educação, parte do pressuposto de que quando estudava nas escolas segregadas, “a escola era lugar de êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer” (hooks, 2017, p. 11) . Entretanto, quando a escola mudou para o modelo de inserção racial, ela percebeu que “O que se esperava de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender. A excessiva ânsia de aprender era facilmente entendida como ameaça à autoridade branca.” (hooks, 2017, p. 12).

Ao relatar sua experiência enquanto aluna do ensino médio no momento em que as escolas dos Estados Unidos resolveram se integralizam, a autora observa que os professores “pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula” (hooks, 2017, p. 30). Tais trechos destacaram o lugar que a educação ocupava na vida do aluno, podendo ser de caráter acolhedor ou excludente.

Nessa abordagem, a autora esclareceu pilares para a prática de uma pedagogia engajada, cuja principal característica é o fato de que, com esse modo de ensinar, qualquer um possa aprender. O objetivo é tornar o conhecimento mais pessoal e significativo, e não simplesmente uma linha de produção mercadológica como métodos fixos. Nesse contexto, a autora enfatiza a importância contundente do ensino freireano para conseguir transpassar as práticas bancárias de educação. Ela afirma que “Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem” (hooks, 2017, p. 66). Contudo, consegue reconhecer que ele se utilizava de uma linguagem sexista, e é nesse ponto que ela utiliza o feminismo como alicerce para tecer uma crítica construtiva a Freire.

A partir dessa condução, bell hooks elucidou que, para estabelecer sua postura em sala de aula e entender que tipo de professora ela gostaria de se tornar, percebeu a importância de estar atenta à presença de cada aluno, levando em consideração suas particularidades. Para ela, a sala de aula deveria ser um lugar de entusiasmo, porém o entusiasmo pelas ideias não é o bastante. Logo, hooks reconhece que a comunidade da sala de aula deve ser construída através do interesse mútuo, ou seja, de uns pelos outros.

Dessa maneira, entende os objetos voz e o olhar como parte substancial para a constituição da presença. E explica que: “Nas aulas que dou, faço com que os alunos escrevam parágrafos curtos que depois leem em voz alta, para que tenhamos a oportunidade de ouvir perspectivas singulares e de fazer uma pausa e ouvir uns aos outros” (hooks 2017, p. 247).

Um outro ponto de grande relevância que a autora expõe é o fato de compreender o ensino como um ato teatral. Nesse contexto, ela não se refere a um espetáculo, mas sim a um “espaço para mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma” (hooks, 2017, p. 21). Nesse sentido, para se fazer entender, é interessante pensar no contraponto com um filme, por exemplo. Enquanto uma produção cinematográfica está pronta, é inflexível, uma apresentação teatral acontece instantaneamente, permitindo um espaço para as contingências, ou seja, não segue a lógica de uma reprodução automática.

Com base nos pressupostos elementares elencados por bell hooks em relação à pedagogia para prática de liberdade, partiremos para exemplificações de cenas pontuais destacadas em seus ensaios. O propósito dessa abordagem analítica é fornecer uma compreensão mais concreta da postura assumida por hooks. Em seguida, abordaremos a discussão sobre a transmissão do amor ao saber como pivô para a relação professor-aluno.

EXPERIÊNCIAS COM ENSINO: UM TESTEMUNHO

As experiências relatadas no livro em questão se aproximam da análise institucional proposta por René Lourau (1995), uma vez que envolvem a desnaturalização e problematização da produção de verdades, na qual tem como propósito promover um desajuste nas forças instituintes. Essas implicações de bell hooks em determinadas situações no cenário educacional podem ser lidas pelo conceito de *analizador* formulado por Lourau (1995), que se caracteriza pela existência de um episódio revelador e estimulante que produz um efeito e provoca mudanças, mesmo que sejam simples. Por conseguinte, seguem três exemplos de processos nos quais bell hooks sinaliza analisadores valiosos em seu percurso.

Primeiramente, em uma passagem cara ao seu lugar no mundo, bell hooks defende que se aprende com um corpo, esse possui marcas nas quais transcendem o lugar de aprendiz e professor. A partir da notoriedade da própria presença, ela percebe que, como professora, é

fundamental validar a presença, a voz e o corpo de cada aluno. Na seguinte passagem ela justifica a insistência em se situar em um mundo que não reconhece sua existência:

(...) como mulher negra, sempre tive aguda consciência da presença do meu corpo nesses ambientes que, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura existente por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas, se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma – porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com sua dimensão física.” (hooks, 2017, p. 181)

Ademais, uma outra situação que pode ser compreendida como um analisador surge no relato de experiência de bell hooks em parceria com sua colega de trabalho Chandra Mohanty. Ao chegarem no campus de Oberlin, elas perceberam que os professores, em sua maioria brancos, apesar de serem aparentemente preocupados com o bom ensino do curso, ainda adotavam práticas pedagógicas tradicionais. Diante disso, decidiram iniciar uma série de seminários com objetivo de discutir novas práticas de transformação do ensino, aberta a todos os professores que se sentissem dispostos a participar. O objetivo era fazer com que os eles pudessem abordar em suas salas de aula uma transmissão honesta com as pautas raciais, de gênero e de classe social. Logo, ao interpretar esse caso sob o ponto de vista do conceito de analisador, é perceptível que, a partir do levantamento do problema, é realizada uma ação que provocou movimento no que parecia está cristalizado e imutável (hooks, 2017, p. 51-63).

Para encerrar os exemplos de situações de desarranjos nas forças instituintes, o próximo cenário é considerado complexo, já que não foi, necessariamente, bem sucedido. Apesar disso, essa situação ressalta a importância de não apenas se envolver com ações que geraram resultados positivos, mas também de estar atento às que revelaram pontos insustentáveis, tanto para o aluno quanto para o professor, pois é a partir dessas situações que se torna possível traçar outras estratégias e abordagens.

Em um certo semestre, a tentativa de criar uma comunidade na sala de aula, na qual todos estivessem abertos ao conhecimento, resultou em um completo fracasso. Após o acontecido ela percebeu que o horário da aula, que acontecia sempre antes das nove da manhã, atrapalhava significativamente, uma vez que os alunos ainda não estavam despertos o suficiente. A partir disso, ela conta que, na época, passou a odiar essa classe e, inclusive, isso afetou a qualidade do seu sono, uma vez que ficava tão tensa que não conseguia dormir na noite anterior. Além do fator horário, observou que os alunos sempre pareciam muito

resistentes a novos processos pedagógicos. Segundo ela, havia medo generalizado em transgredir barreiras já estabelecidas (hooks, 2017, p. 18-19).

Com base na experiência desta turma, a professora percebeu que não é possível sustentar a ideia de que o professor pode, somente por meio de seu desejo, transformar uma sala de aula em uma comunidade pedagógica (hooks, 2017, p. 19). Contudo, diante desse ponto de tensionamento, hooks não se retrai, mas reconhece que ser professora não significa deter todo o conhecimento, elucidando que “[...] em vez de ter medo do conflito, temos de encontrar meios de usá-lo como catalisador para uma nova maneira de pensar, para o crescimento” (hooks, 2017, p. 154).

Essas situações citadas anteriormente dão contorno ao propósito desejado por bell hooks de estabelecer a instauração de uma pedagogia engajada em defesa da educação como prática de liberdade. Assim sendo, ao passo que se supera uma educação bancária, torna-se mais viável a construção de uma educação voltada para a transformação. Fazendo o paralelo com a práxis psicanalítica, podemos perceber que a postura de bell hooks se revela como a de uma docente que está advertida da castração, em outras palavras, que compreende que não há uma fórmula totalizante ou universal de ensinar e aprender.

Além disso, ao tomar como referência as condutas citadas anteriormente, podemos entender, conforme Miranda (2006), que na medida em que se percebe o ciclo de repetição e a relação sintomática, é possível promover uma mudança de postura e posição subjetiva. Os ensaios de hooks refletem bastante essa premissa, quando a autora fornece exemplos de salas de aula, que permitem uma análise detalhada das relações estabelecidas com os alunos, conseguindo identificar, por exemplo, interferências subjetivas, assim como questões relacionadas a gênero, raça e classe, o que enriquece a compreensão dessas dinâmicas educacionais.

No caso dos ensaios sobre educação como prática de liberdade, é importante salientar que não se trata de uma orientação necessariamente psicanalítica. Em *O Pedagogo orientado pela psicanálise*, Costa (2012, p. 126) esclarece que a psicanálise pode atuar como norteador para prática pedagógica, embora reconheça que os caminhos dessas duas áreas do conhecimento são bifurcados. Assim, não se trata de reunir os dois campos de saber, mas sim de usar a psicanálise como uma orientação que permita ao professor se abastecer de um saber questionador e, por vezes, claudicante, a fim de não se deixar capturar por racionalidades totalizantes.

Costa (2012) elucida que ao se orientar pela psicanálise, simultaneamente o professor se posicionaria politicamente de modo anti segregativo, estabelecendo, assim, os fundamentos de uma educação baseada no respeito à singularidade. Nesse sentido, Costa (apud. Miranda, p. 126) esclarece que o pedagogo deve estar atento aos investimentos afetivos dos alunos, observando as sinalizações presentes em suas falas e ações. Essas advertências são habilmente exploradas no trabalho reflexivo realizado por bell hooks em relação à sua própria postura em sala de aula.

A TRANSMISSÃO DO DESEJO DE SABER: DE LACAN À BELL HOOKS

No livro em questão, existe um capítulo intitulado "A construção de uma comunidade pedagógica", no qual a autora bell hooks conta com a contribuição de seu amigo e professor Ronn Scapp. Ambos declaram ser apaixonadamente comprometidos com o ensino (hooks, 2017, p. 177). Hooks acrescenta que "(...) é essa paixão pelas ideias, pelo pensamento crítico e pelo intercâmbio dialógico que quero celebrar na sala de aula e partilhar com os alunos" (hooks, 2017, p. 269). Ao longo de seus ensaios, hooks desenvolve um percurso que enfatiza uma relação com o ensino centrada no amor ao saber. Nesse ponto, é possível fazer um paralelo com *O Banquete* de Platão que foi utilizado por Lacan (1969) no seminário 08, intitulado *A transferência*.

O diálogo platônico escrito em *O Banquete* narra um simpósio, conhecido na Grécia antiga como uma festa regada a bastante bebida. Essa ocorreu na casa de Agatão em virtude de um prêmio em que ele havia ganhado. O banquete conta com figuras importantes para a sociedade, como Sócrates, Alcebiades, Fedro, Apolodoro, Erixímaco, Pausânias e Aristófanes. Na ocasião, estes decidem que cada um deve proferir um elogio ao amor. Assim, o ponto culminante do banquete se dá quando Alcebiades passa a declarar seu amor para Sócrates e o elogia pela sua habilidade encantadora com as palavras e seu uso eficaz do discurso. Com base no elogio de Alcebiades a Sócrates, Lacan (1969) sugere que o que Alcebiades vê em Sócrates é o "Agalma"⁵, que pode ser entendido como uma espécie de joia rara. No entanto, Sócrates rejeita essa posição de objeto de desejo visado. Para Lacan, essa recusa de Sócrates em ocupar o lugar de objeto de desejo é significativa:

Essa seria a metáfora do amor, na medida em que Sócrates se admitiria como amado, e direi mais, se admitiria como amado inconscientemente. Mas é justamente porque

⁵“Trata-se da função do agalma como objeto escondido, enigma do desejo do Outro.” (Pinto; Santiago, 2012, p. 87)

Sócrates sabe que ele recusa ter sido, sob qualquer título, justificado ou justificável *érômenos*, o desejável, aquele que é digno de ser amado. (Lacan, 1969, p. 198)

Dessa maneira, percebe-se que a condição para essa metáfora acontecer se dá na medida em Sócrates recusa a encarnar o objeto portador do Agalma e provoca Alcebiades, comunicando-lhe que o que ele deseja não está em Sócrates, mas sim em Agatão. Dessa forma, instaura um ponto de ignorância, endereça um questionamento sobre do que se trata isso que ele está buscando no outro.

Em relação à dinâmica entre professor e aluno, podemos identificar a presença da transferência em suas diferentes manifestações. Isso ocorre quando o aluno supõe que o professor possui um conhecimento que ele ainda não possui. Contudo, “Espera-se que o professor encarne essa posição de sujeito suposto saber para que a questão do desejo se abra, para causar o desejo inconsciente e tornar possível o aprendizado.” (Pinto, Santiago, 2012, p. 87). No entanto, é necessário sustentar um semblante de saber, sabendo-se um pouco “claudicante” (Lopes, 2001, p. 68). É importante ressaltar que quando se fala em transferência é sempre transferência inconsciente, ou seja, são processos que ocorrem muitas vezes sem que o sujeito tenha consciência disso. Portanto, a transferência só pode ser considerada neste contexto quando se extrapola os limites pedagógicos, abrindo uma fenda no discurso técnico e especialista.

Para Freud em *Observações sobre o amor de transferência* (1915), o amor é a via preferencial para clarear a opacidade das formações do inconsciente. Assim, em uma transmissão de ensino, na condição do professor, o que há de se transmitir, é, de fato, o amor pelo desejo de saber. Sustentando essa concepção, Mariotto (2017, p. 39) esclarece que a transferência é a mola propulsora do ensino-aprendizagem. Assim, diante dessa discussão, percebe-se que na relação professor-aluno existe algo a ser transmitido que vai além das diretrizes acadêmicas e dos conteúdos obrigatórios. O que permeia essa educação voltada para a liberdade é o reconhecimento do papel significativo que o professor desempenha na vida do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, é fundamental desafiar e transformar a forma como concebemos os processos pedagógicos se desejamos educar para a liberdade, como salienta bell hooks (2017, p. 193). Ao final de seus ensaios, hooks faz um apelo à renovação e rejuvenescimento das práticas em sala de aula (hooks, 2017, p. 23). Em suma, um ensino comprometido com uma

educação emancipatória deve constantemente trilhar caminhos que possam romper fronteiras e ir além delas (hooks, 2017, p. 24).

Portanto, adotar uma abordagem pedagógica comprometida com a emancipação requer coragem, disposição para a mudança e a constante busca por formas de estar em sala de aula que sejam autênticas, engajadas e inspiradoras para todos os envolvidos no processo educativo. No entanto, a busca por uma educação para liberdade só pode ser concretizada, na medida em que houver condições dignas de trabalho para os professores e propostas adequadas à realidade escolar.

Assim sendo, a partir da chamada de bell hooks, reflete-se qual o papel da psicologia e da psicanálise frente ao mal estar contemporâneo que circunda a educação e o adoecimento docente. Além disso, é necessário entender até que ponto estamos sendo coniventes com práticas que, além de promover mais sofrimento psíquico, estão em direção a aniquilação da singularidade do sujeito. Finalmente, o trabalho de bell hooks pode servir como um alicerce para construir uma escuta clínica que esteja à altura da subjetividade da época (Lacan, 1998) e, desse modo, corroborar para que a educação seja uma ferramenta subversiva frente às vias mortíferas da dominação.

REFERÊNCIAS

- COSTA, André Júlio. **O pedagogo orientado pela psicanálise. In A psicanálise escuta a educação 10 anos depois.** Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG, 2012. (pp.123-132)
- FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor de transferência (1915). **In Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O caso Schreber), artigos sobre a técnica e outros textos.** (Vol X, pp. 210-228). Companhia das Letras, 2010.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** (2a ed). São Paulo- SP: Editora WMF Martins Fontes (Traduzido por Marcelo Brandão Cipolla), 2017.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8: a transferência** (1959-1960) Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar Editor, 2010.
- LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 321, 1998.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. (Org). **A psicanálise escuta a educação.** Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2001.
- LOURAU, René. **A análise institucional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso.** In Educar em revista (pp. 35-48), 2017.
- Miranda, Margarete Pereira. **O mal-estar do professor em face da criança considerada problema.** Tese de Doutorado, Belo Horizonte - MG, FaE/ UFMG, 2006.
- PINTO, Kátia Mariás; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **A conexão do desejo à escola: do “não quero saber disso” ao “o que posso saber disso”.** In *A psicanálise escuta a educação 10 anos depois.* Belo Horizonte, MG: Fino traço/ FAPEMIG. (pp.75-90), 2012.